Caro aluno,

**Terá direito a essa avaliação apenas o aluno cuja média foi inferior a 5.**

Leia o trecho selecionado de “Diálogos das grandezas do Brasil”.

A partir dos textos 11 e 12, bem como das discussões em aula, discuta o trecho da crônica e fundamente cada ponto por você apontado.

O trabalho deve ser entregue em PDF, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço 1,5 entre as linhas. Margens: 3cm esquerda e superior, 2cm direita e inferior. Não serão corrigidos documentos em Word ou em outros formatos.

Não deve ultrapassar 8.000 caracteres ou duas páginas (A4).

Não fazer citações de mais de uma frase de autores.

Não listar bibliografia ou fazer nota de rodapé ou reproduzir títulos de livros. Apenas mencione o autor, ano da obra e a página. Exemplo: (SCHWARTZ, 1988, p.40).

Cuide para que o texto esteja claro e de fácil leitura, com ortografia, gramática e sintaxe razoáveis.

Pontuação: pôr ponto a não mais de três linhas.

Prolixidade: procure escrever frases simples.

Vocabulário: usar apenas palavras que conhece e cujo uso domina.

Conjunções: tentar não repetir a mesma, mas também evitar ser pedante ou demasiadamente rebuscado.

A entrega deve ser feita pelos alunos de ambas as turmas até dia:

25/05/2016 às 19:30 na plataforma Moodle USP do Stoa.

Boa prova.

*Diálogos das grandezas do Brasil* foi escrito por Ambrósio Fernandes Brandão, mercador, rendeiro de impostos e senhor de engenho nas capitanias de Pernambuco e da Paraíba. Escritos no início do século XVII, a coleção de seis diálogos se dá entre as personagens Brandonio e Alviano, sendo o primeiro povoador desde 1583 e o segundo uma representação simbólica de um reinol que chegou há pouco no Brasil e surpreendeu-se pela ausência de comodidades. Desta forma, a conversa entre eles se desenvolve a partir das questões postas por Alviano e esclarecidas por Brandonio, o qual tem um conhecimento sobre diversas áreas da colônia nos aspectos naturais, econômicos e culturais.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

ABREU, Capistrano de. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Salvador: Progresso, 1956. Edição digitalizada proveniente da Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa. Disponível em:<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1736>

**DIÁLOGO TERCEIRO – trecho selecionado da página 40 a 46.**

**Brandonio**: O páu do Brasil, de que toma nome tôda esta província, como já disse, larga de si uma tinta vermelha, excelente para tingir panos de lã e sêda, e se fazer dela outras pinturas e curiosidades; o qual, posto que se acha por todo êste Estado, o mais perfeito e de maior valia é o que se tira das capitanias de Pernambuco, Tamaracá e Paraíba, porque sobrepuja, com muito excesso de bondade, aos mais páu desta qualidade, que se dá pelas mais partes. E assim sòmente do que se tira nas três capitanias referidas se faz caso, e se leva para o Reino, aonde se vende a quatro, e às vêzes a cinco mil reis o quintal, segundo a falta ou abundância que há dele.

**Alviano**: Pois, dizei-me de que modo tiram os moradores dêste Brasil proveito de semelhante páu e quanto importa à fazenda de Sua Magestade?

**Brandonio**: O páu do Brasil é droga sua, e como tal defêso; de modo que ninguém pode tratar nêle senão o mesmo Rei ou os que tiverem licença sua por contrato. Antigamente era licito negociarem todos nêle, com pagarem à fazenda de Sua Magestade um cruzado por quintal de saída; mas por se entender que se usava mal desta ordem que estava dada, se revogou para que corresse o negócio por contrato, como hoje em dia corre, e se paga de arrendamento por êle, no Reino, à fazenda de Sua Magestade, quarenta mil cruzados pouca mais ou menos, com declaração que os contratadores não poderão tirar em cada um ano dêste Estado, especialmente das capitanias que tenho apontado, mais de dez mil quintais de páu; e, quando um ano tirassemmenos, o poderão perfazer no outro.

**Alviano**: Não entendia que o páu do Brasil era coisa de tanto rendimento para a fazenda de Sua Magestade, sem na sustentação dêle gastar um só real, gastando muitos cruzados na Índia por adquirir as demais drogas.

**Brandonio**: Todo o Brasil rende para a fazenda de Sua Majestade sem nenhuma despêsa, que é o que mais se deve de estimar.

**Alviano**: E os moradores, que proveito tiram dêsse páu?

**Brandonio**: O modo é êste: vão-no buscar doze, quinze, e ainda vinte léguas distante da capitania de Pernambuco, aonde há o maior concurso dêle; porque se não se pode achar mais perto pelo muito que é buscado, e ali, entre grandes matas, o acham, o qual tem uma folha miúda e alguns espinhos pelo tronco; e êstes homens ocupados neste exercício, levam consigo para a feitura do páu muitos escravos de Guiné e da terra, que, a golpes de machado, derribam a árvore, à qual depois de estar no chão, lhe tiram todo o branco; porque no âmago dêle está o Brasil, e por êste modo uma árvore de muita grossura vem a dar o páu, que a não tem maior de uma perna; o qual, depois de limpo se ajunta em rumas, donde vão acarretando em carros por pousos, até o porem nos passos, para que os batéis possam vir a tomar.

**Alviano**: Não deve de dar pequeno trabalho o fazer êsse páu por êsse modo; e se o proveito não é muito ficará sendo cara a mercância.

**Brandonio**: Sim, dá grande proveito; porque há muitos homens dêstes que fazem brasil, que colhem em cada um ano a mil e a dois mil quintais dêle, que todos acarretam com seus bois; e depois de pôsto no passo o vendem por prêço de sete e oito tostões o quintal, e às vêzes mais, no que vêm a grangear grande cópia de dinheiro, e por êste modo se tem feito muitos homens ricos.

**Alviano**: Se isso passa dessa maneira, poderemos dizer que dá Deus aos moradores do Brasil ouro e prata pelos campos, e que de coisa, que êles não plantaram, nem grangearam, colhem fruto.

**Brandonio**: Sabeis quanto é assim, que ainda vos poderei afirmar que se acham outras coisas de mais importância, sem lhes custar nenhum trabalho nem indústria.

**Alviano**: E de que modo pode suceder isso?

**Brandonio**: Dêste: que muitos homens se fazem ricos neste Brasil com soma de ambar, que acham pelas praias, uns em muita, e outros em menos quantidade; em tanto que houve certo morador que achou tanta cópia dêle, que a muita quantidade lhe fêz duvidar o poder ser o que tinha achado ambar, e o reputou por breu ou pez, e como til se pôs a brear com êle uma barca, que tinha posta em estaleiro para o efeito, e continuou com a obra até que alguns compadres seus, que o viram ocupado nela, o desenganaram do êrro que fazia, e, com ter já gastado grande quantidade de ambar, ainda se ficou com muito.

**Alviano**: Isto parece dos contos do Trancoso e, como tal, não me persuado a dar-lhe crédito.

**Brandonio**: Não é senão pura verdade, e passou da maneira que o tenho relatado. E porque não mendiguemos semelhantes acontecimentos por casas alheias, vos contarei um que me sucedeu, e se duvidades dêle, em tempo me acho de poder verificar minha verdade com testemunhas dignas de fé. E o caso é êste: estando eu no ano de oitenta e três assistente na capitania de Pernambuco, na vila de alinda, ao tempo de partir uma frota para o Reino, que me trazia assás ocupado com o haver de escrever para lá, chegou um criado meu, a quem trazia ocupado no recebimento dos dízimos dos açúcares, que então estavam a meu cargo, chamado por nome o Comilão, e em grande segrêdo, depois de nos metermos ambos em uma câmara, me disse que, indo a buscar o dia antecedente um pouco de peixe a uma rêde que pescava no rio do Extremo, achara na praia grande quantidade de certa coisa, que logo me mostrou, com me meter na mão uma bola daquilo que dizia haver achado, a qual pesaria, segundo minha estimação, de seis para sete arrateis, e que do semelhante era tanta a quantidade a que estava na praia, junto d’água, que gastaram êle e dois negros, que consigo levava, mais de três horas em o acarretarem em uma forma, que fôra de açúcar, e dois cabaços, até porem tudo desviado da praia e caminho entre alguns mangues, e que êle junto fazia um arresoado monte. Eu era então novo na terra, e não havia ainda visto nela nenhum ambar, pôsto que em Portugal me passára pela mão algum; mas, como era ambar gris, que vem da Índia, dava maravilhoso cheiro com ser branco, e pelo contrário aquilo, que me o mancêbo dizia haver achado, era uma coisa negra viscosa, que tinha o cheiro de azeite de peixe, e por esse respeito cobrei tanto asco de o ter nas mãos, que lancei a bola pela janela fora entre umas ramas crescidas, ficando-me sòmente entre os dedos um pequeno papel em que o apertara, coisa de três para quatro onças, as quais acaso, por me despojar delas, lancei dentro na gaveta de um escritório que tinha aberto. E despedi o mancebo com lhe dizer que não tinham para que fazer caso daquilo, que dizia haver achado, porque devia de ser alguma imundicie que sái à praia. Com isto se foi o pobre descuidado do muito que se lhe ia de entre as mãos. Passaram-se três anos, dentro dos quais veio a esta terra do Reino um parente meu de muita obrigação, o qual querendo fazer volta outra vez para lá, me foi necessário dar-lhe um papel de importância, para que o levasse consigo, o qual não achava, e por êsse respeito o busquei por tôdas as gavetas do escritório muito de espaço, e em uma delas fui dar com o papel envolto naquela coisa que ali tinha lançado. E, como o tempo tinha já gastado o ruim cheiro de azeite de peixe e cobrado outro muito bom, mostrou claramente ser ambar, e de se achar ali, estive confuso por me não alembrar quando ou de que maneira o havia metido naquela gaveta, ou donde me viera; todavia, examinando bem a memória, vim a cair no que havia precedido com não pequeno pesar. E imagiando poder ainda dar remédio ao que já o não tinha, mandei chamar logo o descobridor, que então era casado, e dando-lhe conta do que passava, faltou pouco para se enforcar; todavia nos pusemos a cavalo, indo a parte onde êle achara o ambar, com a qual êle já mal atinava, e por fim não achamos coisa nenhuma, com cair na conta de que os carangueijos, aves, e mais imundicies o deveriam ter comido.

**Alviano**: Todavia esse foi estranho caso, e bem digno de se sentir a perda de tão grande haver, que não crêra haver passadodesse modo, senão afirmasseis com tantas veras; mas êsse ambar como podia ser preto? Porque tenho para mim que todo é branco e pardo.

**Brandonio**: Nêste nosso Brasil há dois modos de ambar: um é branco e gris, que se acha na costa de Jaguaribe, o qual por ser tal se vende a onça dêle a quatro mil reis e às vêzes por mais; o outro é negro, que se acha desde Pernambuco até a Bahia, pôsto que também sai do branco; mas o preto vale de três para quatro cruzados a onça.

**Alviano**: Tão sentido estou do que me cantastes haver-vos sucedido, que não quero ouvir falar mais em ambar; e assim nos passemos a tratar da quarta condição da riqueza do Brasil, pela ordem que as levais enfiadas.

**Brandonio**: Todavia, antes de começar a tratar o que me perguntais, vos hei de contar uma graça ou história que sucedeu, há poucos dias, neste Estado sôbre o achar do ambar. Certo homem ia a pescar para a parte da capitania do Rio Grande, em uma enseada que ali faz a costa, e querendo se meter em uma jangada para o efeito, lhe faltava uma pedra de que pudesse fazer fateixa, e lançando os olhos pela praia viu uma, que, ao seu parecer, teve por acomodada para isso, e, tomando-a, atou nela o cabo, e se meteu na jangada para ir fazer sua pescaria; e estando já na parte que queria, porque o vento fazia desgarrar a jangada do pôrto, lançou a sua fateixa ao mar, a qual, como se fôra de cortiça, andava sôbre água; e, vendo que lhe não aproveitava a diligência que tinha feito com aquela fateixa, pois nadava, tornou para terra ao tempo que chegava à praia um seu amigo, também para haver de pescar com outra jangada, e dando-lhe conta do que lhe havia sucedido com aquela pedra que nadava, o outro, que devia ser mais trefego, lhe disse que não tomasse por isso pena, porquanto êle se achava indisposto, e não determinava de pescar, que ali tinha a sua fateixa de que se podia servir. Aceitou-lhe o outro o oferecimento, e com ela se foi à sua pescaria, deixando a pedra nadadora nas mãos do que novamente chegára, que logo conheceu ser ambar, e tomando às costas se recolheu e fêz-se invisível com ela, aproveitando-se de sua valia, porque pesava quase uma arroba.

**Alviano**: Não foi máu lanço êsse; e pôsto que a riqueza se estrebuxe pelos homens por venturas, se é lícito poder-se dizer assim, para tôda esta coisa de haver, principalmente para o achar do ambar se requer grandíssima; e, porque ainda estou maguado do que me cantastes, vos peço que tomeis ao fio da vossa narração.

**Brandonio**: Parece-me que disse que o quarto modo, que havia no Brasil, para se fazerem ricos seus moradores eram os algodões e madeiras; pelo que tratarei primeiro dos algodões, que já foram tidas em mais reputação, e deram mais proveito aos que nêle tratavam do que de presente dão.

**Alviano**: E qual é a causa disso?

**Brandonio**: Haver muito em Veneza e em outras partes, com que se abate o que levam do Brasil; pôsto que a terra é tão carcável de o produzir, que em qualquer parte se colhe grande quantidade de algodão. Planta-se de semente, e em breve tempo leva fruto, o qual se colhe depois de estar maduro e de vez, e tirado do cocúlo, aonde se cria, o põem em rimas, e dêste modo se chama algodão sujo,o que se aparta da semente é o limpo. E para se haver de apartar dela usam de uma invenção de dois eixos, que andam à roda, e passado por êles o algodão larga uma parte, que é a por onde se mete a semente, e pela outra vai lançando por entre os eixos o algodão, que se costumava a vender na terra a dois mil reis a arroba, com deixar muito proveito aos que o lavram, pelo pouco custo que na lavoura dêle faziam e no reino se vendia a quatro mil reis a arroba, mas já agora, pelo respeito que disse, se vende tanto em uma parte como em outra por muito menos prêço.

**Alviano**: E de que modo se leva êsse algodão para o Reino?

**Brandonio**: Levam-no dentro em grandes sacos, que para êsse efeito fazem de angeo, onde se mete muito bem socado, de modo que a saca fica dura e têsa; e, como está apertado, não importa que o levem para o Reino sôbre a coberta dos navios, porque a chuva lhe não faz dano. E com isto me parece que tenho dito o que basta dos algodoes, dos quais também neste Brasil se faz muito bom pano de serviço.

**Alviano**: Pois passemos a tratar das madeiras, que deve de ser coisa de mais importância.

**Brandonio**: Certamente que estimara muito não me meter em semelhante trabalho, pelo muito que há que dizer acêrca dessa matéria; porque por cada parte que ponho os olhos, vejo frondosas árvores, entrebastecidas matas e intrincadas selvas, amenos campos, composto tudo de uma doce e suave primavera; porquanto, em todo o decurso do ano, gozam as árvores de uma fresca verdura, e tão verdes se mostram no verão como no inverno, sem nunca se despirem de todo de suas folhas, como costumam de fazer na nossa Espanha; antes, tanto que lhe cái uma, lhe nasce imediatamente outra, campeando a vista com formosas paisagens, de modo que as alamedas de alemos e outras semelhantes plantas, que em Madrid, Valhadolid e em outras vilas e lugares de Castela se plantam e grangeam com tanta indústria e curiosidade, para formosura e recreação dos povos, lhes ficam muito atrás e quase sem comparação uma coisa da outra; porque aqui as matas, e bosques são naturais, e não industriosos, acompanhados de tão crescidos arvoredos, que, além de suas tapadas frescas folhas defenderem aos raios do sol poder visitar o terreno de que gozam, não é bastante uma flecha despedida de um têso arco, por galhardo braço, a poder sobrepujar a sua alteza; e destas semelhantes plantas e árvores há tantas e diversas castas que se embaraçam os olhos na contemplação delas, e sòmente se satisfazem com dar graças a Deus de as haver criado daquela sorte. Donde certamente cuido que se neste Brasil houvera bons arbolários, se poderiam fazer da qualidade e natureza das plantas e árvores muitos volumes de livros maiores que os de Dioscorides; porque gozam e encerram em si grandíssimas virtudes e excelências ocultas, e enxerga-se o seu muito em algum pouco delas, de que nos aproveitamos,

**Alviano**: Por essa maneira temos no Brasil outros novos campos de Tesalia; porque tendes encarecido os seus com tão eficazes palavras, representando neles tantas grandezas e excelências, que me vem desejo me transformar em um agreste pastor, sòmente para poder gozar de tanta frescura.

**Brandonio**: Não vos fôra mal, quando assim o fizesseis, porque em tudo quanto tenho dito fico certo a perder de vista para o muito que podera dizer.

**Alviano**: Confesso que êsses campos terão essa amenidade que representais, mas nunca ouvi dizer que as plantas, que por êles se produzem, gozem de tantas virtudes medicinais de que os fazeis abundantes.

**Brandonio**: Não me quero distrair em mostrar a verdade do que diga em contrário dessa vossa opinião; porque seda meter-me em matéria de que a saída fôra dificultosa. Só vos direi dois exemplos, que experimentei e vi por próprios olhos, pelos quais ficareis entendendo o mais que pudera relatar; dos quais o primeiro é que, tendo eu, em minha casa, uma mulatinha de pouca idade, que nela me nasceu, a quem queria muito pela haver criado, um escravo meu, com ânimo diabólico, estimulado de a menina me descobrir um furto, que êle havia feito, lhe deu peçonha, de tal sorte que em muito breve espaço inchou tôda com uma côr denegrida, e, com apressado resfôlego, escumava pela boca, os dentes cerrados, e olhos em alvo, mostrando nisto e em outras coisas todos os sinais de morte. Vendo eu a menina em tal estado, além de ficar pezaroso em extremo, imaginei, com firme pressuposto, ser o acidente causado por peçonha, e que o autor de lh’a dar devia de ser o próprio escravo, que lhe havia dado, porque tinha entre os tais nome de feiticeiro e arbolàrio, Pelo que fiz lançar mão dêle, afirmando-lhe que não teria mais vida que enquanto a menina gozava dela, porque sabia de certo haver-lhe êle dado peçonha, com lhe dizer mais, e ainda mostrar que o queria fazer, que o havia de passar por entre os eixos do engenho; por tanto que procurasse com brevidade dar remédio ao mal que tinha feito. Pôde tanto o temor destas ameaças com êle, que se obrigou a curar a enfêrma, à condição que lhe havia de dar licença para poder ir ao mato buscar algumas ervas para o efeito. Consenti no que me pedia, mas com o mandar aljavado com outro escravo ladino dos da terra, a quem encomendei em segrêdo que notasse bem a herva que colhia para depois a ficar conhecendo; mas o outro foi tão matreiro que, por se guardar disso, colheu muitas e diversas hervas, entre as quais o fêz a de que tinha necessidade; em forma que o outro aliavado, que com êle ia, não pôde atinar que herva era a de que se havia de aproveitar. Tornaram ambos aonde eu os esperava, e o arbolario trazia já a herva desfeita entre as mãos e mastigada com os dentes; e em chegando, não fêz mais do que ir-se à atossigada e lançar-lhe o sumo dela por dentro da boca, que lhe abriu com uma colher, e juntamente pelos ouvidos e narizes, fazendo mais esfregação com ela nos pulsos e juntas do corpo, - ó cousa maravilhosa! que no mesmo instante abriu a menina os olhos e boca, e após isso, purgando grandemente por baixo e por riba, se lhe começou a desinchar o corpo, e dentro de um dia esteve sã como dantes. E eu estranhamente magoado de não poder conhecer a herva, porque nunca pude acabar com o escravo, nem por ameaças nem por dádivas que lhe prometi, que m’a amostrasse: sòmente em pequeno pedaço dela, que lhe tomei dentre as mãos, enxerguei que era uma herva cabeluda.

**Alviano**: Houvera-o eu de obrigar com tormentos, porque antídoto tão preservativo e de tanta virtude era bem que fôra conhecido do mundo.

**Brandonio**: Nada bastou com o escravo. O outro exemplo é que um escravo dos de Angola, de pouca importância, vi tomar com as mãos muitas cobras peçonhentíssimas, e ajunta-las consigo, as quais, pôsto que o mordiam por muitas partes, lhe não faziam as tais mordeduras dano; sendo assim que, em outras pessoas, as de semelhantes cobras matavam em vinte e quatro horas. Deu-me maravilha o sucesso, e imaginei que devia de ser aquilo obra de palavras ou fôrça de encantamento; mas todavia me desenganei que nem uma cousa nem outra era, porque, grangeando eu a vontade do negro com dádivas, me veio a mostrar umas raízes e outra herva, dizendo-me que tôda pessoa que trouxesse untadas as juntas do surto daquela raiz, depois de bem mastigada na boca, podia com muita seguridade tomar nas mãos quantas cobras quisesse, sem temor de que a sua mordedura lhe fizesse dano por muito peçonhenta que a cobra fosse; e assim o experimentei, e fiz experimentar, e se experimenta ainda até o dia de hoje entre os meus escravos. A herva que mais me deu erapara se haver de curar com ela aos que fossem mordidos de qualquer cobra, sem o preservativo o que tenho dito; porque untado e bem esfregado com ela e com o seu sumo, o lugar da mordedura, com outras diligências que o escravo fazia de esfregações, sarava, como sararam infinidades de homens mordidos de semelhantes bichas peçonhentíssimas com tanta facilidade como se foram mordidos de uma abelha. E porque êste negro émorto, alguns escravos meus usam da mesma herva com grande utilidade.

**Alviano**: Pois haveis-me de fazer mercê de mandar a êsses vossos escravos que me dêm uma pequena dessa raiz e herva que as quero trazer sempre comigo para o que suceder; mas folgarei de saber se a virtude da raiz e herva se extende a mais que a ser antídoto contra a peçonha da cobra.

**Brandonio**: Não o tenho ainda experimentado por negligência minha; mas, assim como há neste Brasil semelhantes preservativos contra a peçonha, também há muitas árvores e plantas que a dão finíssima, de que os negros de Guiné se aproveitam com matarem de ordinário muitos dos seus semelhantes com ela.

**Alviano**: E quem mostrou a êsses escravos o segrêdo dessa peçonha?

**Brandonio**: De sua terra vieram mestres dela, e nesta fazem muito mal aos moradores com lhe matarem seus escravos. Mas parece-me que nos imos desviando de nossa prática, que era havermos de tratar do modo que os habitantes dêste Brasil se fazem ricos pela madeira, o que sucede com lavrarem e serrarem muita, assim para se fazerem caixas, em que encaixam os açúcares, como muitos e bons champrões que se levam para o Reino, e outras excelentes madeiras para casas e obras primas de escritórios, bofetes, leitos e outras semelhantes.

**Alviano**: E os próprios moradores são por ventura os que lavram e serram essas madeiras?

**Brandonio**: Não, porque a gente do Brasil é mais afidalgada do que imaginais; antes a fazem serrar por seus escravos, e há homem que faz serrar em cada ano mil e dois mil caixões de açúcar, que vendem aos senhores de engenho, lavradores e mercadores, a quatrocentos e cinquenta e a quinhentos reis cada um, segundo a falta ou abundância que há dêles; e nisto se vê a grande quantidade de madeiras que há neste Estado que com haver tanto tempo que é povoado, fazendo-se todos os anos nêle tão grande número de taboado para caixões, não cessam as matas de terem madeiras para outros muitos, e nunca faltarão nêles.

**Alviano**: E de que páus se lavram essas madeiras para caixões?

**Brandonio**: Os caixões se fazem de páu mole, como são mongubas, buraremas, Visgueiro, páu de gamela, camaçaris e um páu que chamam de alho, e outro branco; e dos tais há diversas castas, porque para caixões se busca sempre madeira mole, por ser mais fácil de serrar. **Alviano**: E para champrões que dizeis se levam para o Reino, madeiras para casa e outras obras, de que sorte delas usam?

**Brandonio**: De muitas excelentes, as melhores que há no mundo. E há tanta quantidade das tais que não haverá homem que as possa conhecer, nem saber-lhes o nome para as haver de nomear, de vinte partes a uma, ainda que o tal fôsse carpinteiro, cujo oficio não seja outro que cortá-las nas matas.

**Alviano**: Todavia, folgarei que me digais a qualidade de algumas.

**Brandonio**: Por vos fazer a vontade me esforçarei a dizer algumas, das poucas a que sei o nome. E assim digo que as madeiras, de que tenho noticia, e me alembra a qualidade delas, são estas: assabengitas, que é um páu amarelo, que lança de si a mesma tinta, muito rijo; jataúba vermelho, de formosa côr; piqueá, muito rijo e de côr amarela; outro páu, que chamam amarelo, excelente para tabuado; jataúba, de côr douarada; massaranduba e cabaraíba, ambos de côr roxa, maravilhosos para obra prima, principalmente para cadeiras; jacarandá, tão estimado em nossa Espanha para leitos e outras obras; condurú, páu de grande fortaleza, do qual se fazem bons champrões; sapopira, de que se faz também o mesmo, e muitos carros, e também liames para navios; camaçarim, apropriado para taboado; outro páu chamodo d’arco, porque se fazem dêle de muita fortaleza e rigidão; zabucai, também muito estimado para eixos de engenhos e estearia; canafistula de côr parda; camará, rigidissimo, e por êsse respeito assás estimado; páu-ferro, que lhe deram êste nome por ser igual a êle na fortaleza; outro páu chamado santo, tão estimado e conhecido por tôda a parte; buraquihi, assás proveitoso; angelim, de que se faz tanto cabedal nas Índias Orientais, e o incorrupto cedro, louvado na Escritura; e assim burapiroca, louro, dos quais se aproveitam para armações de casas; buraem, de que se faz taboado para navios, quase incorrupto; corpaúba, de uma côr preta excelente; orendeuba, de uma galharda côr vermelha; e assim guoanadim, que se produzem por alagadiços e mangues, que se não dão senão pelo salgado. Outro páu, chamado quiri, que corta pelo ferro por ser mais duro que êle, cujo branco de fora pode suprir a falta do marfim em qualquer obra, e o âmago de dentro demonstra as águas e côres de um jaspe muito formoso; e da mesma maneira é outro páu, que vem de Jaguaribe. Estes poucos me ocorreram à memória entre os muitos de que pudera fazer menção, os quais são todos das capitanias da parte do Norte do cabo de Santo Agostinho; porque das do Sul tenho pouca notícia, por não haver andado por aquelas partes.

**Alviano**: Os dias passados vi nas mãos de um homem ancião um páu da grossura de uma manilha, que lhe servia de bordão; parecendo-me que era grande, e, como tal, devia de ser pesado para o efeito, o tomei e achei tão leve, que quase o não senti nas mãos; porque o era mais do que pudera ser uma meada de estopa.

**Brandonio**: Êsse páu ou, para melhor dizer, cana se forma de um junco grosso, chamado tabúa, do qual se fazem esteiras; e quando é muito velho dá semelhante cana. Também fia outro páu que chamam de jangada, porque se fazem as tais dêle para andarem pelo mar, o qual é também levíssimo, por êsse respeito fazem dele os páus dos andores, em que andam as mulheres, da maneira que adiante direi.

**Alviano**: Não sei eu em que parte do mundo se poderão achar tantas e tão boas madeiras, como são as que tendes referido; e maravilho-me como Sua Magestade se não aproveita delas para fábrica de náus e galeões, as quais podéra lavrar a estas partes.

**Brandonio**: Estando eu no Reino, no ano de seiscentos e sete, se quis informar de mim o Conde Meirinhomór, veador da fazenda de Sua Magestade, de duas cousas: uma se poderia mandar lavrar navios neste Estado, e a outra se haveria comodidade nêle para se fazerem piques, porque, dizia, lhe custava trabalho manda-los vir de fora do Reino; ao que lhe respondi que não havia modo como se pudessem alevantar neste Estado embarcações de importância, porquanto as madeiras estavam já mui desviadas, pelos engenhos haverem consumido as de perto, e que assim custaria muita despêsa a acarretá-las à borda d’água; demais que seria dificultoso poder-se ter os oficiais necessários para a obra obrigados a ela, porque, pôsto que os mandassem do Reino à soldada, logo se haviam de ausentar pela terra, de modo que não poderiam ser achados. Mas já hoje estou de diferente opinião; porque com a nova povoação do Maranhão e Pará, que é o rio das Amazonas, poderá Sua Magestade mandar fabricar naquelas partes muitas embarcações, onde se acham grande quantidade de madeiras à borda d’água, da qual se podem aproveitar a pouco custo. E os oficiais, que para o efeito mandar do Reino, não se poderão ausentar, por não haver ainda, em aquelas partes, fazendas nem povoações pela terra a dentro, por onde se possam espalhar.

**Alviano**: Não é mau alvitre êsse para Sua Magestade lançar mão dêle; porque creio que logo o deve de mandar pôr em execução. E dos piques que respondestes a êsse ministro?

**Brandonio**: Disse-lhe que se podiam fazer muitos e mui bons de um páu que havia na terra chamado páu d’astea, pelas fazer boas; e ainda, para que experimentasse a verdade do que lhe dizia, me obriguei a lhe mandar desta terra, para onde então estava de caminho, alguns piques lavrados, o que cumpri na forma que lh’o prometera, tanto que a ela cheguei, sem ter mais sôbre a matéria resposta.

**Alviano**: Estou maravilhado de vos ouvir nomear tanta diversidade de madeiras, que, pelos nomes diferentes que lhes dais, entendo que devem de ser tôdas de aderentes feições e qualidade.

**Brandonio**: Sim, são: em tanto que se parecem raramente, nem na folha nem no tronco, uma árvore com a outra. E não quero deixar em silêncio duas cousas que vi de muita consideração, ambas na capitania da Paraíba; das quais uma delas foi um páu de gamela de muita grossura, que estava ôco por dentro, mas contudo não seco, porque tinha a sua rama verde e perfeita, e dentro dêste páu nascia outro de mangue, de grossura de sete palmos por roda, o qual penetrava, com o seu tronco inteiro metido pelo outro, por dentro de sua concavidade até responder com a rama, que era assás grande, pelo mais alto, justamente com a da outra árvore; porque nascida tão baralhada, que demonstrava ser tôda uma, e sòmente no modo das folhas se conhecia a diferença; assim que as duas árvores se formavam de duas raízes, e de dois troncos diferentes, estando uma dentro na outra. E a outra é haver visto, na serra da Copaoba, uma árvore de suma grandeza, cavalgada sôbre um alto penedo, que estava alevantado da terra mais de doze palmos, e as raízes da árvore, por uma parte e outra, a vinham buscar, donde tomavam o nutrimento para o seu tronco e rama, sem poder acabar de entender o modo como semelhante planta podia nascer sôbre aquele penedo cavalgada, sem ter por meio terra, em que se sustentasse.

**Alviano**: Tendes-me contado tantas maravilhas, que não tenho essa por estranha, pôsto que é assás. Mas, pois haveis falado em mangues, dizei-me se é verdade que tem as raizes de cima para baixo; porque sou tão descuidado que ainda não olhei para isso.

**Brandonio**: Os mangues nascem nos alagados entre rios que estão sujeitos aos fluxos e refluxos da maré, e os mais dêles sôbre vasa, dos quais há ai duas castas, um vermelho e outro branco: o vermelho é mais rijo, e dá- se melhor na vasa, o outro branco é páu mole, e nasce um pouco mais desviado do salgado e em terra mais fixa; e todos botam as raizes de cima para baixo, mas em mais quantidade o vermelho. E com isto ponhamos por hoje termo à nossa prática, porque vos confesso de mim que não estou para mais.

**Alviano**: Nunca sairei do que levardes gôsto, mas à condição que nos tornemos a ajuntar amanhã nestas partes, às horas costumadas, para prosseguirmos avante com o que nos resta por dizer.